

XI CONGRESSO DA USL
13 e 14 Novembro 2015



Intervenção de Fátima Messias

Unidade na acção e luta dos trabalhadores por uma política alternativa

Ocorrendo num momento histórico particular, o Congresso da União coloca-nos novos e acrescidos desafios para o desenvolvimento do trabalho sindical no distrito.

Chegámos de um tempo em que a impunidade e a prepotência pareciam ser os únicos valores que o patronato e o governo queriam fazer perpetuar.

Os vencedores – que eram eles – não tinham deveres.
Os vencidos – que éramos nós – não tinham direitos.

Temos agora nas nossas mãos a possibilidade de escrever uma nova história. A nossa.

Alicerçados no projecto, nos valores e nos princípios, indissociáveis uns dos outros, que nos identificam, como a **unidade na acção**, baseada em interesses de classe comuns e no combate a todas as medidas tendentes à sua divisão.

É a partir de cada local de trabalho que a unidade se constrói, com o conhecimento e tratamento dos problemas concretos dos trabalhadores e das trabalhadoras, independentemente da sua sindicalização ou filiação partidária, de serem mais velhos ou mais novos, de serem homens ou mulheres, do vínculo de trabalho efectivo ou precário, ou de serem trabalhadores do sector privado ou do sector público.

A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.

É fundamental encarar as questões e tratar os problemas laborais concretos, não dissociados da política mais geral, dado que cada vez se acentua mais o confronto ideológico entre o trabalho e o capital.

A informação, a mobilização, o compromisso e a luta contribuem para a elevação da consciência social.

Essa consciência é cada vez mais determinante para confrontar e derrotar ofensivas suportadas em linhas ideológicas onde a divisão é permanente.

Desde os diversos sistemas de avaliação de desempenho, no sector privado ou no sector público, a sistemas internos que incentivam e premeiam os delatores, até à utilização ilícita e abusiva de câmaras de filmar e às formas mais subtis e violentas de assédio moral e tortura psicológica, o patronato e as direcções de serviços esmeraram-se em fazer dos locais de trabalho espaços em que os direitos e garantias individuais e colectivas são permanentemente postas em causa, sem que muitos trabalhadores disso se apercebam.

Como se se tornasse normal, o que não é natural.

O confronto ideológico foi sendo disfarçado ao longo dos anos, através da própria linguagem.

Como escreveu Galeano:

“O capitalismo tem o nome artístico de *economia de mercado*;

O imperialismo chama-se *globalização*;

As vítimas do imperialismo chamam-se *países em vias de desenvolvimento*;

O oportunismo chama-se *pragmatismo*;

A traição chama-se *realismo*;

Os pobres chamam-se *carentes* ou *carenciados*, ou *pessoas de escassos recursos*;

A expulsão das crianças pobres pelo sistema educativo é conhecida pelo nome de *abandono escolar*;

O direito do patrão de despedir o operário sem indemnização nem explicação chama-se *flexibilização do mercado laboral*;

O saque dos fundos públicos pelos políticos corruptos responde pelo nome de *enriquecimento ilícito*; (...)”

O momento histórico que vivemos é o tempo da construção de uma **política alternativa**.

É o momento de ruptura com o modelo económico seguido nos últimos anos em Portugal, centrando agora a economia na resolução dos problemas da população, dos trabalhadores.

Mais do que um *slogan*, tem de ter efeitos práticos.

Temos um tempo novo pela frente.

Façamos tudo o que a nós nos cabe, como movimento sindical com princípios, valores e projecto, que somos, para romper e inverter o rumo político seguido e construirmos um futuro melhor para os trabalhadores que representamos e que contam connosco, desde logo, em cada local de trabalho.

VIVAM OS TRABALHADORES!

VIVA O XI CONGRESSO DA UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA!

VIVA A CGTP-INTERSINDICAL NACIONAL!

Fátima Messias